

TEMAS ATUAIS

Entrevista com António Baltasar Marcelino, bispo de Aveiro, emérito

Obra do Padre Américo: Das páginas mais belas do Evangelho vivo e da história da Igreja

Decorreram as comemorações dos 125 anos do nascimento do Padre Américo, o fundador da Obra da Rua e das Casas do Gaiato. Vários eventos têm sido referidos nestas páginas. É tão importante a sua figura e a sua obra, que nunca é demais voltar a ela. Em 2008, na comemoração dos 121 anos do seu nascimento, publicávamos aqui o um texto sobre a reedição de obra “Padre Américo: Obras escolhidas e documentário fotográfico”.

*Agora, ao recordar os 125 anos, temos o gosto de acolher uma entrevista com D. António Marcelino que lembra de novo a grande estatura da sua figura de homem e de sacerdote. Trata-se de uma entrevista registada no âmbito da realização de uma longa-metragem de documentário sobre o Padre Américo e sua Obra, trabalho que se encontra em preparação. **A entrevista foi realizada por Henrique Manuel Pereira.***

Chegou a conhecer o padre Américo?

Vi o Padre Américo apenas uma vez. Era eu seminarista no Seminário de Alcains. Correu logo a notícia: “Está aí o Padre Américo”. Fora para cumprimentar o bispo da Diocese, D. António Ferreira Gomes. Ficou-me a imagem de o ver enrolado na sua capa. Depois daí só pelo jornal *O Gaiato*.

Tem memória das primeiras leituras e de como conheceu o jornal?

Já em teologia, no Seminário de Marvão, um professor era assinante, falava-nos da Obra e incitava-vos a ler *O Gaiato*. Depois conversava connosco sobre o que tínhamos lido.

Ao que parece mantêm-se leitor assíduo. Sobre ele escreveu um belo texto – “O maior e o mais importante jornal de Portugal” – em o Correio do Vouga (21 Dez. 2011).

*O Gaiato é para mim uma leitura obrigatória. É o Evangelho ao vivo que chega cada quinzena. Como conheço os Padres leio tudo. É como que um modo de manter a minha comunhão com os Padres e a Obra. tenho pena de o jornal não ir para ser lido nos ministérios, nas repartições públicas e outras, bem como nas famílias, nos seminários, nas escolas. A sua riqueza seria enriquecimento para todos. *O Gaiato* é vida, é Evangelho, é realismo. Com o meu artigo pretendi chamar a atenção para esta riqueza.*

Dir-se-á que há algum exagero no título...

Às vezes é preciso exagerar um pouco para chamar atenção para o problema, por isso escrevi: “O jornal mais importante de Portugal”. Alguns acharam graça, outros despertaram mesmo para tomar consciência do que dissera. Eu também fui tocado, ainda padre jovem pelo livro do Padre Telmo *O Lodo e as Estrelas*. Eu tinha sido criado numa barragem, a Marechal Carmona, em Idanha-a-Nova. Li com avidez. Fiquei marcado por tanto realismo evangélico.

O Lodo e as Estrelas retrata o dia a dia da vida dura da barragem de Picote, mas é um daqueles livros intemporais.

Fiquei a admirar o autor, a não o perder de vista. O livro é maravilhoso pelo conteúdo e pela linguagem. Eu escrevia no jornal diocesano de Portalegre, onde vivia, sobre os problemas sociais. Sempre que referia o livro do Padre Telmo, a censura cortava...

Publicado em 1960, o livro chegou a ser apreendido pela PIDE. Vendia-se por baixo do balcão...

Não admira. O livro punha o dedo nas feridas e os governantes não gostavam. Para eles estava tudo bem... Há anos. Num passeio dos bispos das dioceses do Centro, passámos pelas barragens onde o Padre Telmo trabalhou como pároco ou capelão. Estive na capela de que ele fala. Senti uma forte emoção. Recordei *O Lodo e as Estrelas* e o seu autor. Passou-me muita coisa pela memória do coração. Quando um dia soube que o padre Telmo era Padre da Rua, não estranhei. Achei que a sua opção de vida sacerdotal era lógica.

Quando depois conheceu o padre Telmo Ferraz...

Já nem sei em que circunstâncias, mas tive a sensação de que já nos conhecíamos há muitos anos...

Ainda num registo de aproximação à Obra, recorda-se do impacto da notícia da morte do Padre Américo, em 16 de Julho de 1956?

Eu estava em Roma, aluno da Universidade quando a notícia chegou. O Padre Américo já era padre muito conhecido e estimado, bem como a Obra da Rua. As notícias foram chegando. Não nos deixavam indiferentes. Senti mais tudo isto quando cheguei a Portugal para férias. A imagem do Padre Américo, enrolado na sua capa, permanecia e permanece na minha memória.

De tal modo que não será exagero falar-se de uma paixão pela Obra do Padre Américo.

Não é exagero, é verdade. Ganhei essa paixão, se assim se pode dizer, não por ter visitado as casas da Obra, mas porque me dediquei a conhecer e aprofundar o espírito do Padre Américo e o seu significado para a Igreja em Portugal nos após Concílio. Ele é pessoa fundamental do património eclesial português. Trouxe até nós uma experiência de Evangelho vivo a que não estávamos habituados, traduzido em vida e em linguagem que todos entendem e tudo onde o Evangelho estava mais esquecido, os pobres. Sempre que toco a miséria humana vem-me à memória o Padre Américo.

No sentido em que o Evangelho se exprime nos mais pobres ...

Precisamente. O Padre Américo ensina-nos que Deus se revela nos mais pobres de uma maneira impressionante. Um Deus que se revela foi sempre para mim uma verdade que me toca profundamente. O Padre Américo sentiu ao vivo essa revelação de Deus na sua vida, e sentiu-se conduzido por um amor muito forte que se foi revelando na sua vida. O bispo de Coimbra que o aceitou como candidato ao sacerdócio faz parte dessa revelação.

Refere-se a D. Manuel de Almeida Trindade.

Sim, meu antecessor em Aveiro. Foi colega de Seminário do Padre Américo e falava desses tempos com muita alegria. Falou-me muito da sua pessoa, das suas dificuldades no estudo, de como fora dispensado de determinadas disciplinas para ele mais

complicadas, o que o levou a dizer com humor “Até o Bispo me dispensou do trabalho pastoral habitual...” O seu caminho estava traçado – ser, em nome de Deus, o procurador dos pobres e da sua causa. Profundamente marcado por uma experiência espiritual de sensibilidade às pessoas em sofrimento e à sua dignidade.

Era uma novidade?

De facto, os pobres ajudavam-se. Pouco se falava deles, como depois se passou a falar e a ver com outros olhos.

Posso dizer que o título do seu livro A vida também se lê não é alheio ao exemplo do Padre Américo?

Certamente. A leitura da vida, em que o Padre Américo foi mestre, mostra como Deus está presente e vai atuando na história de cada pessoa e como nela realiza a história da salvação. É também dele não se ficar na leitura, mas mostrar coragem ao enfrentar os problemas, sem estar dependentes de aplausos ou de críticas. Era tudo uma linguagem nova e comprometedora. Na minha opinião nunca tínhamos tido um profeta assim com dimensão nacional. Houve sempre bispos, padres, religiosos e leigos generosos e empenhados no bem dos pobres que deixaram obra, como Frei Gil e o Padre Grilo. Quando iniciei, em Portalegre, o meu ministério no Seminário, logo pensei que, para além de ensinar as matérias de que era professor, devia também abrir o coração dos seminaristas mais velhos para novos caminhos, pastoralmente muito importantes: os tuberculosos do Sanatório e os pobres das barracas dos Assentos. Assim nasceu a conferência vicentina.

Em algum momento quis ser outro Padre Américo?

Não se trata de ser outro Padre Américo, porque cada um de nós é único, mas aprender com ele a descobrir essa página evangélica por escrever na vida de muita gente, mormente dos mais pobres e esquecidos. Esta aprendizagem foi crescendo e teve sempre um momento alto no contacto com os Padres da Rua. Em cada verão vai um deles, quase sempre o Padre Acílio, num domingo à Eucaristia a que presido. É ele que faz a homília, que eu introduzo e concluo e ouço com espírito de aprender sempre mais do viver do Padre Américo, continuado pelos seus padres. Irei, dentro em breve, ao Calvário e a Paços de Sousa, não para um visita turística, mas para continuar a aprendizagem. Esta coragem da verdade, esta coragem do amor gratuito e universal, são dom e grito de Deus. A Igreja em Portugal precisa de ouvir este grito e de lhe dar resposta sem demora. Estamos abafados por estruturas, por normas, por mil coisas que distraem do essencial e abafam a vida. O Concílio trouxe ao de cima o clamor dos pobres, mas muita gente responsável continua a passar ao lado...

Considera que o Padre Américo foi precursor do Vaticano II?

Sem dúvida, precursor em aspectos essenciais da ação da Igreja. Esse é um tema que espero poder desenvolver neste cinquentenário do Concílio.

Uma vez ordenado não se fez Padre da Rua. Porquê?

Não sei. Ordenei-me em Junho e logo no fim de Setembro segui para Roma. O novo Seminário foi inaugurado em Outubro e o Bispo da Diocese teve a preocupação de qualificar os seus professores. Muitos sonhos pessoais ficaram pelo caminho. Havia que integrar no desafio de formar os novos padres, tudo o que me ajudara ser padre e a encontrar sentido profundo na minha entrega à missão. E nunca deixei de ser um “padre

na rua”, aí mesmo onde a vida se processa e onde podia aprender uma vertente fundamental da vida de um padre, o contacto com a realidade.

A Obra do Padre Américo passa hoje, como sabe, por momentos de dificuldade. Há mesmo quem lhe vaticine a extinção.

Extinção, nunca. Tem alicerces profundos. Se caísse, cairiam com ela das páginas mais belas do Evangelho vivo e da história da Igreja. Nas dificuldades a minha palavra aos Padres da Rua é que “não podem desistir”. Os jovens técnicos do ministério julgam que sabem tudo e menosprezam por incultura o trabalho sério...

Mas os tempos mudam, dirão eles...

Quando o ideal é servir não se pode deixar de estar atento ao que a vida exige e proporciona. Há certos caminhos que podem sempre melhorar-se. Disso não está isenta ou dispensada a Obra da Rua. O Padre Américo era um carismático e os carismas vão-se revelando para além de quem os recebeu, por força da Palavra, da realidade concreta e das orientações da Igreja. Mas têm um núcleo central que não se pode desvirtuar, nem menosprezar, porque foi dom recebido e não conquista pessoal. Mesmo o que não se entende num carisma concreto, muitas vezes vê-se na pessoa e na obra daquele que o recebeu. O Padre Américo era como que transparente para as pessoas que ia encontrando, como o dono do café, o motorista de táxi, a prostituta moribunda, o bêbado que não se aguentava de pé... Ele um dia disse qual o segredo: “Eu me digno a ver, mesmo na criança mais destruída, a riqueza que está nela... a riqueza de Deus”. O seu carisma comporta esta graça e capacidade de ver no rosto mais destroçado, o rosto do Pai rico em amor misericordioso...

Os padres da Obra manifestam-se preocupados: cada vez menos crianças; o Estado já não manda crianças para as Casas do Gaiato. Porquê, como interpreta esta decisão?

Se já não houvesse crianças necessitadas seria uma maravilha. O padre Américo sonhava o dia em que as Casas do Gaiato já não fizessem falta. Mas, infelizmente, são muitas as crianças sem família ou com família incapaz de as educar, e cresce cada dia o seu número. O Estado sabe isto e até os jornais o dizem com informações oficiais. Porém um Estado centralizador e a querer, diretamente e só por si, resolver tudo, é uma loucura. O seu papel é outro.

Qual?

O Estado, qualquer que seja o partido no governo, não tem vocação de educador e por isso não sabe fazer. Muitos dos seus técnicos com influência nas decisões não conhecem a pedagogia do Padre Américo e das suas Casas, nem se preocupam em os conhecer. Certamente que a família é o lugar ideal para uma criança crescer. Mas que família? Depois, quando o preconceito ideológico se junta à ignorância, tudo piora. Caímos então no contrassenso de ouvir os ministros do sector fazer elogios à Obra da Rua e depois a não serem coerentes nas decisões e a não respeitar, acriticamente, o que se faz na Obra. Assim, o diálogo não é possível e quem perde é quem precisa. Conheci uma casa do Estado com crianças e jovens a educar. Para uma dúzia de internados, mais de vinte funcionários... Está tudo dito.

Por outro lado, não há muitos padres a dedicar-se à Obra. É preciso um carisma especial?

É preciso sentir que se é chamado a participar e a seguir o carisma do Padre Américo, na vida e na ação, tanto nas Casas do Gaiato, como no Calvário. Nenhum padre faz obra

própria. A dedicação à Obra exige fé profunda e esclarecida e generosidade a toda a prova e conhecimento profundo dos métodos e caminhos educativos do Padre Américo. Tudo passa por um coração capaz de amar sem condições. Os burocratas não entendem esta linguagem. Vêm salários, horários e folgas... Estar a tempo inteiro sem pensar em descanso ou em férias – mas não é isto o que fazem os pais por amor aos filhos que mais precisam deles? – só é caminho para quem não ama.

A pedagogia do Padre Américo foi já objeto de algumas teses de doutoramento – quatro, a meu conhecimento – dentro e fora do país.

Precisamente. Está avalizada, é caminho a seguir. Só quem quer servir com dedicação total, se empenha por este caminho. Se alguma coisa há a melhorar, procure-se em diálogo ouvir, perceber e decidir. O Padre Américo não morreu pela sua Obra. Lutou, sofreu e morreu pelas pessoas. Por elas se gastou até ao fim. Quando morreu na estrada não andava a passear ou fazer turismo... Além dos Padres da Obra conhecidos, há agora um padre espanhol da diocese de Saragoça e um angolano, em Malange e em Benguela, respetivamente.

Os Padres Rafael e Quim...

E as vocações não surgem por acaso. A grande mediação vocacional é a Igreja, pelos seus membros e estruturas. Mas o testemunho é fundamental. Os Padres da Rua devem aparecer, mostrar as necessidades, fazer apelo... É preciso ir aos seminários maiores falar aos futuros padres. Não há perigo de perda nem para as Dioceses, nem das Congregações religiosas. O dom vem de Deus e nunca se faz em prejuízo de ninguém, mas sim em benefício de todos. Não podemos esquecer que os atuais Padres da Rua são todos padres diocesanos: 2 de Lisboa, 2 do Porto, 2 de Coimbra, 1 de Bragança, 1 de Portalegre e Castelo Branco, 1 de Saragoça. O último, que é angolano, já se ordenou para servir na Obra da Rua. Os dois que morreram depois do Padre Américo, era 1 de Lisboa, o padre Carlos Galamba e outro, o padre Horácio, de Coimbra. Era interessante saber da sua boca como nasceu a sua vocação para a Obra, mas eles não gostam de falar de si próprios...

Relativamente ao processo de beatificação do Padre Américo que se arrasta há tanto tempo...

A Obra da Rua é, por si mesma, um milagre no tempo e muitos milagres enchem a sua história e acontecem nela numa referência direta ao Padre Américo. Não sei porque tarda a beatificação e a canonização. É uma questão de olhares, mais do que normas, mesmo tendo em conta a necessidade destas. A beatificação do Padre Américo não é o mais importante. O importante é aprender com ele e fazer dos mais pobres uma paixão. O reconhecimento da sua santidade certamente que pode ajudar a olhar para ele e para a sua Obra com outros olhos. Vamos continuar a pedir a Deus essa hora, para bem da Igreja e dos pobres. De há muito que o faço todos os dias, após a oração litúrgica de Laudes.

A Igreja portuguesa tem sabido fazer justiça e proteger devidamente a Obra da Rua?

Os bispos estimam a Obra. Um documento, relativamente recente, da Conferência Episcopal, mostra isso mesmo. As vertentes da Obra – crianças e jovens sem família ou de famílias destruídas, doentes incuráveis, famílias pobres sem casa – são preocupações da Igreja. Não faltam problemas sociais em Portugal a precisar de atenção. Tem-se andado muito no campo da pastoral social e das instituições ligadas à Igreja. Falta ainda animação nas comunidades, preparação de agentes pastorais com

paixão pelos mais pobres, atenção aos novos pobres, ação de promoção não de mera assistência... Em tudo isto a Obra tem uma palavra a dizer. Apoiada a Obra, ela pode ser fermento novo nas comunidades. Isto exige mais diálogo entre os bispos e os responsáveis da Obra, com vista a uma ação socio-caritativa mais alargada e concreta. Há, de facto, omissões que é preciso colmatar.

Na sua perspetiva, o fundamental na vida de um padre é educar a Fé?

Educar na fé e educar a fé é missão fundamental de qualquer padre. Se não o fizer a sua ação e a vida das comunidades não tem grande futuro. Ainda se faz mais uma pastoral tradicional de conservação, voltada para os sacramentos, e pouco para a coerência da vida e para o compromisso apostólico. A fé recebe-se em gérmen no Batismo, depois é preciso ajudá-la a crescer, a comunicar-se, a perceber os confrontos com a vida. Ajudá-la a ter o alimento adequado da Palavra, da oração pessoal e comunitária, da experiência apostólica concreta. Ajudar cada um a descobrir a sua vocação e a responder ao apelo de Deus. É isto educar a fé e é isto que muitos padres não fazem. A mensagem evangélica e, depois, a sua versão conciliar apontam claramente neste sentido. Temos que nos interrogar porque está a Igreja cheia de pagãos batizados, de ditos crentes incoerentes em relação à família, ao valor da vida, à ação sócio-política... A urgência da evangelização torna-se irreversível.

Dos Padres da Rua com qual deles conviveu mais?

Conversei muito com o padre Carlos, algumas vezes com o Padre Batista, muitas vezes com o Padre Acílio e o Padre João Rosa. Em momento determinado, também com o padre Manuel António e, ultimamente, como Padre Manuel Mendes. Ao padre Júlio conheço-o desde seminarista no Seminário de Coimbra. Tenho pena de não ter privado mais com o Padre Telmo. Só me encontrei uma vez com o padre José Maria, não conheço o Padre Rafael e há meses encontrei-me sem esperar a primeira vez com o Padre Quim. Mas, como os leio cada quinze dias no *Gaiato*, são-me todos muito próximos e de todos me considero muito amigo. Agora, de um modo especial desde que, a pedido do Bispo do Porto em ligação com os responsáveis da Obra, a CEP me designou para manter a ligação entre eles e os bispos. Os padres que vivem em Portugal estão extraordinariamente ocupados pelos trabalhos nas suas Casas e encontramos-nos nas reuniões programadas. Tenho pena de não poder ir a África. Tenho alguns encontros agendados, até porque estar com eles me enriquece sempre.

Voltemos ao Padre Américo que, por si só é um universo...

Abundam aspetos de interesse. O Padre Américo é inesgotável, os seus seguidores uns heróis de dedicação e generosidade, a Obra, um tema com muitas vertentes a merecer consideração. Apenas digo como é importante que, nestes cinquenta do Concílio, a Igreja perceba a influência renovadora do Padre Américo e da Obra da Rua. Mas isso o veremos a seu tempo.

O Padre Américo incomodou ou pelo menos desacomodou a Igreja do seu tempo?

A sua vida e a maneira como viveu a sua missão são por si, graças a incomodar e a estimular a Igreja de ontem e de hoje. Penso que há décadas, em muitas dioceses, ele foi um desconhecido. Nem todos tiveram a sorte que eu tive de um professor de Teologia, concretamente de História da Igreja, através da leitura do *Gaiato* nos acordar para um Padre que nos podia estimular vocacionalmente e para uma Obra com dimensão e sentido evangélico

Grave é que as novas gerações o desconheçam hoje. Quanto àqueles tempos, talvez o contexto histórico nos ajude a entendê-lo. No período após a implantação da República os bispos estavam particularmente empenhados na reorganização das suas dioceses e... É verdade. Algumas dioceses ficaram muito pobres e sem meios para se organizarem. Foram os seminários que muitos tiveram de construir ou reconstruir... Mas não só. Também a qualificação espiritual, doutrinal e pastoral dos padres, não era tarefa fácil tanto em relação aos mais idosos que vinham detrás, como aos novos que se iam ordenando em Seminários ainda sem professores qualificados, embora neles estivessem padres muito dedicados e que foram mestres de vida e de sentido pastoral... Mas cada bispo pensava na sua diocese e talvez um trabalho de conjunto que não existiu, tivesse sido mais rentável... A tradição não era essa...

O que terá conduzido a um certo individualismo.

Cada bispo contava com as suas possibilidades, normalmente poucas, nas dioceses mais pequenas. Mesmo agora, depois do Vaticano II, ainda há algum individualismo e nem sempre os problemas reais de uma diocese pobre, suscitam partilha de outras com maiores recursos. Há casos de generosidade concreta sobretudo em favor de dioceses de África e é diversificado, como é óbvio, o contributo estabelecido das dioceses para as serviços da Conferência Episcopal. O mesmo se dá com a partilha dos padres. Há mais padres de África nas dioceses portuguesas do que padres portugueses a trabalhar noutras igrejas diocesanas ou em serviços nacionais. Todos os bispos falam de dificuldades e, talvez, porque se olha demais para as necessidades próprias e só delas se fala, e pouco se diz das exigências do Reino. A generosidade dos jovens para o ministério ordenado escasseia à vista de todos e dos padres para outras zonas emperra nas pequenas razões para não mudar.

Será também um problema de distribuição?

De facto há dioceses em Portugal, diria que com padres a mais. Outras, com um só padre para um concelho inteiro, por vezes com distâncias grandes entre as diversas paróquias, como acontece no sul e não só aí. É verdade que partilhar neste campo nem sempre é fácil, por razões diversas. Mas não há dificuldade que não se supere quando o amor comanda.

Alguma vez se questionou por que razão o Padre Américo, tendo a vida organizada em Moçambique, não procurou por lá o caminho da sua realização vocacional?

Muitas vezes. É que não faltavam lá necessidades e lugares onde pudesse ser útil. Mas veio, como peregrino que procura. Primeiro, onde lhe parecia mais ao seu jeito, os franciscanos. Depois batendo à porta dos paços episcopais. Apenas dizia que queria ser padre para servir. Por fim, encontrou acolhimento em quem soube perceber os sinais e Deus naquela procura. Depois, se percebeu que Deus queria a Igreja, num Portugal pobre, de olhos e coração abertos para os mais pobres. Então lhe mandava alguém com esse espírito para que os pobres contassem sempre com a proteção de um Pai misericordioso e paciente. Será que os responsáveis da Igreja já fizeram esta leitura e dela tiraram consequências? Teresa de Calcutá rezava “Senhor, quando me sentir pobre, manda-me alguém mais pobre do que eu... Quando tiver fome, manda-me alguém de mão estendida...”

Quando aprenderemos que a linguagem do Evangelho não é a linguagem corrente dos interesses humanos, ainda que estes apareçam pintados de motivos religiosos?